

**TRAÇOS DA PERIFERIA: POLÍTICAS DA ESCRITA EM PRODUÇÕES
LITERÁRIAS MARGINAIS CONTEMPORÂNEAS**

***TRACES OF THE SUBURB: POLITICS OF WRITING IN CONTEMPORARY
MARGINAL LITERARY PRODUCTIONS***

Karina Lima Sales
Mestre em Estudo de Linguagens¹
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(kalisalima@gmail.com)

RESUMO: O ensaio reflete sobre produções literárias marginais contemporâneas, as quais se inserem na chave conceitual proposta por Josefina Ludmer de literaturas pós-autônomas, pois representam territórios do presente e escrituras atuais da realidade cotidiana brasileira situada em ilhas urbanas. Pretende-se, ainda, analisar essas produções sob a perspectiva da escrita literária como prática política, em interlocução com Jacques Rancière. Assim, a análise pautar-se-á em produções literárias de escritores que pertençam a grupos de excluídos, os quais buscam superar o silenciamento de suas vidas e vozes periféricas, reconfigurando o comum de uma “comunidade de partilha”, segundo Rancière, e pautando-se em suas próprias vidas como capital, na acepção de Peter Pál Pelbart. Os traços da periferia a que alude o título estão presentes duplamente nessas escritas: tanto por meio da origem dessas vozes, marginalizadas, que buscam legitimar sua dicção, quanto por meio do espaço basilar que origina o traçado – a periferia, múltipla, revisitada, posta em meio a embates com outros espaços.

Palavras-chave: Políticas da escrita. Produções literárias marginais contemporâneas. Literaturas pós-autônomas. Traços da periferia. Capitalização da vida.

ABSTRACT: This essay reflects on the contemporary marginal literary productions, which compose the key conceptual proposal of post-autonomous literatures by Josefina Ludmer. They symbolize present territories and current writings of Brazilian daily reality located in urban islands. We also analyze these productions from the perspective of a political practice, in dialogue with Jacques Rancière. Therefore, the analysis will be based on literary productions of writers who belong to excluded groups, which seek to overcome the silencing of their lives and suburban voices by reconfiguring the common of a "sharing community," according to Rancière, and by guiding themselves in their own lives as capital, according to Peter Pál Pelbart. The traces of the suburb are manifest in two ways in these works: both in the origin of these marginalized voices seeking to legitimize their diction and in the basic space that originates the route: the suburb – multiple, revisited, and in conflict with other spaces.

Key words: Politics of writing. Contemporary marginal literary productions. Post-autonomous literatures. Traces of the suburb. Capitalization of life.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

Em uma sociedade grafocêntrica, como a nossa, a palavra escrita é poderosa e deve ser percebida em sua dimensão política. Para Jacques Rancière, a escrita é coisa política não apenas por ser instrumento do poder ou a via real do saber, mas porque seu gesto “pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição” (1995, p. 07). A escrita é um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais:

Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma (RANCIÈRE, 1995, p. 07).

Segundo Rancière, a escrita é política por traçar e significar uma re-divisão entre as posições dos corpos, “sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e das condições” (1995, p. 08). Para o filósofo, essa re-divisão está presente desde o *mythos* platônico, que governa, há vinte e cinco séculos, o pensamento ocidental sobre a escrita. O *mythos* platônico, no **Fedro**, fixou a dramaturgia da escrita sob dupla crítica, de ser ao mesmo tempo muda e falante demais. É muda, pois “não há nenhuma voz presente para dar às palavras que ela arruma o tom da verdade delas”, mas ao mesmo tempo, ela “está liberta do ato de palavra que dá a um logos sua legitimidade” e é por isso, também, que ela é falante demais: “a letra morta vai rolar de um lado para o outro sem saber a quem se destina, a quem deve ou não falar. Qualquer um pode, então, apoderar-se dela, dar a ela uma voz que não é mais ‘a dela’, construir com ela uma outra cena de fala, determinando uma outra divisão do sensível” (1995, p. 08).

Além de pautar-se no mito da invenção da escrita, no **Fedro**, Rancière cita outros mitos que lá aparecem, como o das cigarras e o da parelha de cavalos, para refletir que essa diversidade de identidades sociais é uma explicitação do jogo social de inferioridade / superioridade, a “inferioridade de uma condição patenteava sua exclusão dos **modos verdadeiros do ver e do dizer**” (1995, p. 09, **grifos nossos**). Rancière contrapõe que a escrita é aquilo que, “ao separar o enunciado da voz que o enuncia legitimamente e o leva a destino legítimo, vem embaralhar qualquer

relação ordenada do *fazer*, do *ver* e do *dizer*. A perturbação teórica da escrita tem um nome político: chama-se democracia”. (1995, p. 08). Considerando-se a organização social, pautada por um capitalismo latente, desencadeador de desigualdades das mais variadas ordens, ao se pensar no ato da escrita, principalmente a literária, aqui abordada, deve-se, como sugere Rancière, observar o complexo jogo “entre os poderes do escrito e a ordem ou desordem social” (RANCIÈRE, 1995, p. 13).

Peter Pál Pelbart, em “Poder sobre a vida, potências da vida”, discute que, na sociedade gestada pelo capital, mais do que bens, consumimos **formas de vida**: “[...] absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade” (2011, p. 20). O capital penetra em todas as esferas da existência, mas também “as mobiliza, ele as põe para trabalhar, ele as explora e amplia, produzindo uma plasticidade subjetiva sem precedentes” (2011, p. 20). Mas nesse novo capitalismo em rede nem tudo circula da mesma maneira e por toda parte, nem todos têm acesso aos mesmos benefícios, assim, são produzidas “novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias” (2011, p. 21), a maioria da população se vê expropriada das redes de vida pela ação do capital, em que até os territórios de existência são comercializados. Em processo de enfrentamento a esse panorama, engendram-se algumas práticas sociais de resistência, como as escritas literárias de grupos marginalizados. Estas não constituem uma “massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias” (PELBART, 2011, p. 21). Essas produções, como forças vivas presentes na rede social, inserem-se na chave de Pelbart de capitalização da vida: “Seu único capital sendo sua vida, no seu estado extremo de sobrevida e resistência, é disso que fizeram um vetor de existencialização, é essa vida que eles capitalizaram e que assim se autovalorizou e produziu valor” (2011, p. 22).

Desde o final dos anos 1990, a cena literária brasileira tem sido agraciada com um número expressivo de publicações de novos autores, expressando o cotidiano de territórios periféricos, constituindo-se em um **movimento**, como afirmam Alexandre Faria, João Camillo Penna e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2015). Os autores citados chamam a atenção para o fato de que o movimento não teve passos iniciais tímidos e inseguros, mas tomou de assalto a cena literária

brasileira com um número considerável de autores marginais, expressando o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada pelo testemunho e uma estética por eles nomeada realista, mas sem muita relação com o que se denomina realismo literário, constituindo-se em um realismo experiencial, pois se leem experiências vividas e reconstruídas ficcionalmente.

Faria, Penna e Patrocínio (2015) afirmam que a expressão “marginal”, usada pelos autores da periferia, é por eles definida de modo diverso ao conceito que predominava no âmbito dos estudos literários, de oposição ao cânone. Hoje, no âmbito desse movimento literário, a expressão é elemento unificador e de construção identitária, embora seu uso não seja inédito em nossa cultura. Os autores afirmam que o conceito de **marginal** foi amplamente adotado, principalmente nas três últimas décadas, podendo ser observado em pelo menos três diferentes modalidades: 1) ligada à contracultura, teve principal eco em manifestações desde o fim dos anos 1960, de vocação tropicalista e pós-tropicalista; 2) relação tensa com o mercado editorial, desencanto político do grupo de poetas da “Geração Mimeógrafo”; 3) Enfoque, no discurso ficcional, dos grupos marginalizados social e economicamente, e encontra diversos e variados tipos de representação na literatura do período (teatro de Plínio Marcos, prosa de João Antônio e José Louzeiro)². Essas três modalidades atestam a amplitude da noção de marginal, que percorre variada gama de lugares discursivos.

Embora uma produção literária que reivindique o nome de marginal não seja novidade em nossas letras, as produções literárias marginais contemporâneas constituem-se em novas formas de enunciação “saídas diretamente das periferias, favelas [...] das cidades brasileiras, ou seja, de territórios mal incluídos ou segregados, tradicionalmente silenciados, ou por saberes espetacular-midiáticos e/ou científicos, quando não ventríloquos [...]” (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015, p. 19). Os autores marginais residem “no próprio espaço subalternizado que serve

² Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, escritor, colunista e produtor cultural, morador do morro Capão Redondo, na periferia de São Paulo, em seu “Manifesto de abertura: Literatura Marginal”, na Revista Caros Amigos / Literatura Marginal, Ato I, tece homenagem a escritores marginalizados, citando João Antônio, que “andou pelas ruas de São Paulo e Rio de Janeiro sem ser valorizado, hoje ele se faz presente aqui e temos a honra de citá-lo como a mídia o eternizou, um autor da literatura marginal”; Máximo Gorki, “um dos primeiros escritores proletariados” e Plínio Marcos, “que vendia livros no centro da cidade e que também levou o título de autor marginal e acabou escrevendo dezenas de obras [...]” (2001, p. 3).

de inspiração e tema para suas obras” (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015, p. 20) e abandonaram o papel de objeto retratado pelo intelectual letrado para exercer a função ativa de sujeitos donos de sua própria representação: “Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta e na moral agora a gente escreve” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Retomando Rancière, a escrita é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e alegoriza essa constituição:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto partilhado e a divisão de partes exclusivas. (1995, p. 07).

Se pensarmos na organização social como um todo, os habitantes de espaços periféricos, situados em ilhas urbanas, expropriados de uma série de direitos básicos para sua existência, não têm o devido acesso a “partes exclusivas” na partilha do sensível. Configura-se, então, um processo de reterritorialização, aspecto de que se tratará mais à frente, estabelecendo participação em um conjunto comum, partilhado, o espaço periférico. A escrita literária de grupos oriundos de espaços marginais configura-se como um ato político de enfrentamento à invisibilidade imposta e ao silenciamento, uma forma de luta contra o *status quo* de padrões culturais impostos e modelos de existência predeterminados. Isso se relaciona à tese de Giorgio Agamben (2014) – em diálogo com o conceito de *biopolítica* de Foucault – de que, na política moderna, o *zoé*, o simples fato de viver comum a todos os seres vivos, não pode ser excluído de *bíos*, a maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo, pois a vida nua não se encontra fora da vida política, há uma crescente implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder.

Um dos principais representantes desse movimento contemporâneo, o escritor Ferréz, autor de **Capão pecado**, dentre outros títulos, inicialmente nomeou o movimento, nessa acepção aqui apresentada, no manifesto “Terrorismo literário”, na Revista Caros Amigos / Literatura Marginal, Ato II: “A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou

socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2002, p. 2). A publicação desse e de outros dois manifestos, nos anos de 2001, 2002 e 2004, representam uma movimentação não em busca de se fazer ouvir uma voz, mas diversas vozes, de autores marginalizados, que teriam dificuldades de publicação pelas vias comuns do mercado editorial³. O tom de ação coletiva já estava presente no primeiro manifesto: “O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país”. (2001, p. 3). O projeto da Revista Caros Amigos / Literatura Marginal deu frutos diversos, sempre ampliando o empoderamento dos sujeitos envolvidos. Em 2005, publicou-se uma antologia de poemas e contos, intitulada **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**, em cuja abertura lemos:

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa / feita com caneta de ouro e literatura ruim / escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Essas publicações, dentre dezenas de outras, atestam uma reconfiguração da cena literária, como afirmam Faria, Penna e Patrocínio (2015). Essa reconfiguração abriu espaço para um debate importante, mas não há consenso quanto à recepção dessa produção marginal, há posicionamentos preconceituosos, condenatórios, desconsiderando que a “literatura contemporânea com seu apelo irresistível ao real solicita uma nova ontologia, não mais ligada à faculdade clássica (kantiana) de produção da imagem e da imaginação” (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015, p. 21-22). Para Regina Dalcastagnè, as produções oriundas de grupos marginalizados são aceitas no campo da disputa literária, porém atreladas a seus guetos, perpetuando uma forma de opressão que elimina da literatura aquilo

³ Foram publicadas três revistas Caros Amigos / Literatura Marginal. A primeira edição, em 2001, intitulada Literatura Marginal: a cultura da periferia, contou com a participação de dez autores, todos eles moradores de comunidades periféricas paulistanas. O projeto dirigido por Ferréz teve excelente acolhida e garantiu a veiculação de outras duas edições da Revista Caros Amigos / Literatura Marginal: a cultura da periferia, em 2002 e 2004, com textos de 38 autores de literatura marginal produzida por escritores de espaços periféricos.

que traz as marcas da diferença social “e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras” (2005, p. 68).

Esses aspectos relacionam-se à crise atual da literatura, da qual a Literatura Marginal é um dos índices. Nem todas as produções literárias que circulam em sociedade podem ser lidas segundo padrões tradicionais de análise do literário, com critérios e categorias literárias engessantes, como autor, obra, estilo, escrita, texto, sentido. Josefina Ludmer, em “Identidades territoriais e produção do presente”, discute que muitos textos dos anos 2000 atravessam a fronteira da literatura e seus parâmetros “e se colocam fora e dentro, como numa posição diaspórica; estão fora, mas presos a seu interior”. Aparecem como literatura, mas não podem ser lidos assim, porque “aplicam à literatura uma drástica operação de esvaziamento; [...] são e não são literatura, são ficção e realidade” (2013, p. 128). Ludmer denomina esse fenômeno de literaturas pós-autônomas,

As literaturas pós-autônomas, essas práticas literárias territoriais do cotidiano, estariam fundadas em dois postulados, evidentes e repetidos, sobre o mundo de hoje. O primeiro deles é que todo o cultural (e literário) é econômico, e todo o econômico é cultural (e literário). O segundo postulado desses textos é que a realidade (pensada a partir dos meios que a constituíram constantemente) seria ficção e a ficção seria realidade. (LUDMER, 2013, p. 128-129).

As produções literárias marginais contemporâneas brasileiras podem ser inseridas nessa chave conceitual. Representam territórios do presente, são escrituras atuais da realidade cotidiana situadas em ilhas urbanas, dado o cerceamento das comunidades periféricas e seus habitantes, vivenciando uma condição de estrangeiros em seu próprio país, só se reconhecem em seus espaços de origem, são rechaçados, de modo geral, dos espaços da cultura hegemônica. Embasada em Ludmer, pode-se afirmar que a produções literárias marginais contemporâneas “não admitem leituras literárias; isto quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura. E tampouco se sabe ou não importa se são realidade ou ficção. Instalam-se localmente em uma realidade cotidiana para fabricar um presente e esse é precisamente seu sentido” (2013, p. 128). Assim como nos exemplos da literatura argentina arrolados por Ludmer, em seu texto, nas escritas marginais contemporâneas “os sujeitos definem sua identidade por seu pertencimento a certos territórios” (2013, p. 128).

O antropólogo Arjun Apadurai discute, no texto “Soberania sem territorialidade, notas para uma geografia pós-nacional”, a crise do Estado-nação a partir do problema da territorialidade – dimensão da nação moderna – refletindo sobre aspectos como novos nacionalismos, grandes movimentos migratórios, produção da localidade, surgimento de translocalidades, força de fidelidades transnacionais – soberania territorial vinculada ao Estado se distancia do conceito de nação. Partindo do conceito de Benedict Anderson de nação como comunidade política imaginada, Apadurai considera que, sendo a nação algo imaginado, a imaginação terá que nos levar para além da nação. Interessa-nos aqui o aspecto da produção da localidade no mundo contemporâneo. Para Apadurai, localidades “são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados” (1997, p. 34).

A localidade produzida por espaços periféricos brasileiros aparece representada em escritas literárias marginais contemporâneas. Desterritorializados do espaço hegemônico, o do Estado-nação tradicional, homogêneo, os sujeitos que habitam e constroem essas localidades periféricas - estrangeiros em sua própria nação - geram uma forma de reterritorialização que atesta o esforço de criação de novas comunidades residenciais fixadas não em um imaginário nacional, mas em um imaginário de autonomia local. Segundo Zygmunt Bauman, há uma relação cruzada entre representações e realidade representada: “As vidas vividas e as vidas contadas são, por esta razão, estreitamente interconectadas e interdependentes. Podemos dizer, o que é paradoxal, que as histórias de vida contadas interferem nas vidas vividas antes que as vidas tenham sido vividas para serem contadas”. (2008, p. 15).

Para exemplificar esses aspectos acima referidos, citamos, como exemplo, o livro de contos **85 letras e um disparo**, do escritor Sacolinha⁴. A apresentação é assinada por Ignácio de Loyola Brandão, que vê na escrita de Sacolinha e em seus tipos representados uma descendência do escritor Plínio Marcos. Destaquemos o primeiro conto do livro, “Yakissoba”. Narrado em 1ª pessoa, acompanha o dia do

⁴ Sacolinha, Ademiro Alves de Sousa, é ativista cultural e já publicou vários livros. Dentre eles: **Graduado em Marginalidade** (2005), **Estação terminal** (2010), **Manteiga de cacau** (2012), **Como a água do rio** (2013).

protagonista, um escritor, que se dirige à Avenida Paulista na esperança de conseguir vender exemplares de seu livro: “Cheguei cedo naquele dia. As contas já estavam atrasadas e a geladeira, vazia, há muito vinha pedindo alimento. Precisava vender no mínimo uns quatro exemplares do meu novo romance” (SACOLINHA, 2007, p. 13). Ao desembarcar do metrô, vindo da periferia, o escritor vai, ao longo do caminho, tentando vender seu livro: “No caminho, ia parando nos botecos e, com um jeito educado e brincalhão, sentava nas mesas e oferecia o exemplar: um “não” aqui, outro “não” ali... Nada de errado, o começo é assim mesmo”. (2007, p. 13). Sem desanimar, chega ao final da Avenida Paulista, em um espaço em que existem duas universidades, com a esperança de ali vender alguns exemplares: “Estudantes instruídos, adeptos da leitura, acostumados a comprar livros de alto custo... Era o lugar certo” (2007, p. 13). Na primeira universidade, faz trinta abordagens e não consegue nenhuma venda. Com fome, circula pela Paulista sem poder comprar algo para comer: “Só havia 10 reais na carteira e com isso eu não conseguiria comer nem o churrasco vendido na calçada, já que o ditado capitalista diz: ‘Quem anda pela Paulista é quem tem dinheiro’”. (2007, p. 14).

O escritor-protagonista dirige-se à segunda universidade, outras negativas, enquanto o narrador analisa que afirmam não ter dinheiro para comprar livros, mas possuem celulares modernos. Compra um amendoim por R\$ 1,50, para amenizar a fome, sem sucesso. Continua na tentativa de venda dos livros. De novo, somente “nãos” pelo caminho. Nesse momento, para saciar a fome, apela para os vendedores de yakissoba, comida que dá título ao conto. Compra dois, pequenos, a R\$ 4,00 cada. Após alimentar-se, retorna para casa, enfrentando metrô cheio, viagem longa e, ao descer, ainda é abordado pela polícia:

O policial que olhou dentro da mochila perguntou se eu era livreiro:
- Sou livreiro, editor, escritor, vendedor, modelo da capa do meu livro...
Ele deu risada. Perguntou o que eu fazia àquela hora na rua:
- Estou vindo da labuta. Estava em São Paulo tentando vender algum livro.
- E conseguiu? – perguntou um outro policial.
- Que nada, lá só tem leitor de rótulo de cerveja. (SACOLINHA, 2007, p. 20)

É interessante notar a inversão de valores que se registra nesse conto. O narrador-personagem, escritor, assume-se como leitor, como escritor e vê na periferia um espaço de leituras mais significativas do que na área nobre da cidade de São Paulo. A não venda de livros na Avenida Paulista acaba sendo representativa disso: “Lá na periferia eu vendo mais livro do que aqui” (SACOLINHA, 2007, p. 18).

Já o conto “Traição na joalheria do shopping” quebra o estereótipo quanto ao não acesso à cultura erudita, pelos moradores de espaços periféricos. Mas a este, quebrado, se junta outro, mantido: o da marginalização do marginalizado. O protagonista do conto assume, desde o início, que sempre se manteve com assaltos. Sabemos, pela narrativa, que é um assaltante culto, frequenta livrarias e é em uma delas que conhece a mulher que será vítima da traição. Enquanto ri de um comentário crítico sobre a escrita de Edgar Allan Poe, a mulher se aproxima, começam a conversar sobre livros, embora a princípio julgue que ele estivesse lendo um livro de piadas: “O diálogo caminhou por uns quarenta minutos. Indiquei uns bons livros e ela acabou adquirindo quatro e dando um de presente para mim. Depois ainda fez dois convites: o primeiro, para tomar um cafezinho, e o segundo, para conhecer a loja de jóias que ela tem no shopping”. (SACOLINHA, 2007, p. 28). A partir daí, começam um relacionamento. Enquanto isso, o narrador planeja o assalto do momento, que vai dar-lhe férias de uns dois anos.

Para o planejamento do assalto, o protagonista lê **A fina flor da sedução**, de José Louzeiro: “Lendo as escritas desse autor, sinto mais vontade de agir; é como se o livro dele fosse o manual de como prosseguir. Instiga, entendeu?” (2007, p. 29). E assim, delineia-se, para o leitor do conto, a traição, o cerne do conto, o assalto que será perpetrado à joalheria do shopping, de propriedade da amante do assaltante. Em determinado momento da narrativa, a ação do protagonista é justificada, quando vê, na TV, uma reportagem sobre moradores de rua que catam papelão para sobreviver: “Nessas horas me sinto um verdadeiro vencedor, um homem que fez a coisa certa. Os pobres já nascem roubados e são humilhados a vida inteira. Tanta gente ganhando dinheiro e se enriquecendo às nossas custas. Têm é que roubar mesmo”. (2007, p. 30-31). Novamente, outra associação com o universo literário, o conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca, citado na narrativa

como comprovação da necessidade de “roubar dos ricos”, cobrar o que lhe devem, reiterando-se o jogo de oposição entre as personagens: a dona da joalheria, o shopping, como símbolos de riqueza, representações da população abastada, a que merece ser cobrada pelos marginalizados. O protagonista, marginalizado, quebra o estereótipo da bandidagem, leitor culto, tenta justificar suas ações por meio das leituras que empreende.

Os contos de Sacolinha são envolventes em suas temáticas, na condução das narrativas. Moacyr Scliar, na orelha do livro, salienta que a “maior qualidade de Sacolinha é a sua espontaneidade. A linguagem ficcional brota dele naturalmente, sem frescuras, sem pretensões a grande literatura [...]. Estamos diante de um talento nato”. A escrita de Sacolinha configura-se como literatura pós-autônoma. A **realidadeficção** marca a narrativa. Embora possam ser apontadas similitudes entre a condição do protagonista do conto “Yakissoba”, por exemplo, e o próprio Sacolinha, que também vendia suas produções literárias nas ruas, isso não importa para a análise, pois a realidade torna-se ficção e a ficção realidade, como defende Ludmer (2013).

Outro aspecto que pode ser relacionado às produções literárias marginais contemporâneas é o conceito de testemunho. Para Faria, Penna e Patrocínio, o testemunho é uma das matrizes da escrita marginal. O testemunho parte de uma experiência traumática, “coletiva e individual, indevassável e ao mesmo tempo que exige ser contada, que não pode ser subsumida à verdade referencial”. Para os autores, é um gênero literário limite que “produz uma crise no paradigma realista das análises literárias, ao solicitar uma verdade da experiência perspectivada e não referencial” (2015, p. 24).

O texto “Crítica de mutirão”, de Silvano Santiago, prefácio de um livro que apresenta diversos ensaios analíticos de produções literárias marginais contemporâneas, pode ser relacionado ao conceito de testemunho. Santiago ressalta que o princípio estético valorizado pelos ensaístas do livro é o realismo, já que “a voz narrativa nos textos literários parte da dramatização da experiência de vida comunitária vivenciada pelos vários escritores” (2015, p. 15). Em diálogo com a dicotomia clássica de Walter Benjamin (em **O narrador**, em que se apresentam dois representantes arcaicos dos narradores, o lavrador sedentário e o marinheiro

mercante), defende-se que “o narrador dos textos analisados é o **lavrador**. Aquele que, ao contrário do narrador/marinheiro que traz notícias de longes terras, trabalha até a exaustão o potencial histórico e humano do torrão natal para chegar a uma sabedoria que possa ser útil ao leitor” (SANTIAGO, 2015, p. 15). Esse narrador lavrador, dotado de uma voz individual preñe de um saber coletivo, “extrapola o local e divulga ao mundo a experiência pungente e dolorida do viver histórico e cotidiano à margem das metrópoles e das instituições governamentais”. Como testemunhas de realidades muitas vezes traumáticas, em duras condições de existência, os autores da literatura marginal contemporânea “expressam o cotidiano de territórios periféricos [...] pelo uso de uma estética que é predominantemente referenciada na realidade imediata” (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015, p. 25).

O escritor periférico Luís Alberto Mendes⁵, em seu primeiro livro, **Memórias de um sobrevivente**, narra a sua vida infame, em íntima relação com a de seus companheiros de marginalidade. No texto “A vida dos homens infames”, Foucault (1992) defende uma afinidade entre a literatura moderna e a transgressão, estabelecida a partir da aquisição de significação de um destino por parte de algumas vidas sem fama e sem história, que passam a lenda, ou seja, merecem ser lidas: “Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que não quis mais que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos [...]” (FOUCAULT, 1992, p. 102). Embora o autor estivesse se referindo a vidas infames lidas em documentos franceses do período 1660-1760 - provenientes de arquivos de reclusão, da polícia e de petições ao rei -, estabelecem-se analogias com outras vidas infames.

Mendes e o universo da prisão são um exemplo. Ao narrar a sua vida infame e a de seus companheiros de marginalidade, sua história ganha voz, como afirma Foucault acerca das vidas infames por ele analisadas: “O insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confidência fugaz. Todas aquelas

⁵ Luiz Alberto Mendes publicou seu primeiro livro, **Memórias de um sobrevivente**, em 2001, quando estava com 49 anos e vivenciava a condição de presidiário. Em 2005, publicou **Às cegas**, uma espécie de continuação de **Memórias de um sobrevivente**, ambos pela Companhia das Letras. Em 2004, já havia publicado **Tesão e Prazer: memórias eróticas de um prisioneiro**, pela Geração Editorial e em 2012 publicou **Cela forte**, pela Global Editora. Desde 2002, Luiz Alberto Mendes assina uma coluna na Revista Trip e, a partir de 2009, um blog, o **Mundo Livre**, no site da revista.

coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas – mais, escritas”. (FOUCAULT, 1992, p. 117). Mendes relata sua vida a partir de sua experiência no mundo do crime, mas sua narrativa não é endereçada aos seus companheiros de cárcere, é endereçada aos de fora, aqueles considerados cultos, integrados à sociedade, representantes de um mundo em que sua vida sem fama não teria muito alcance. Porém, ao escrevê-la, pode sair do silêncio, fazer com que sua vida faça sentido por meio da narrativização literária. Nesse sentido, **Memórias de um sobrevivente** é uma escrita marginal. Situada à margem da sociedade, pela tematização de uma vida em obscuridade e pela origem dessa narrativa, transforma-se em uma possibilidade de conquista de um espaço de reconhecimento, de difundir a própria voz, como prega o conceito de literatura marginal contemporânea.

Outro livro de Mendes, **Cela forte**, foi publicado em 2012. É constituído de 26 contos escritos no período de 1990 a 2009, conforme as datas que os finalizam. Com uma apresentação do escritor contemporâneo Marcelino Freire, o livro é saudado como exemplo de uma literatura que “serve para desenclausurar fantasmas, soltar os demônios do peito. Sem medo. Misturar realidade e ficção. Melhor acerto de contas não há. A escrita quando grita” (FREIRE, 2012, p. 9). As temáticas dos contos dialogam. Como afirma Freire: “*Cela forte* é uma reunião de tipos – presos e fora dos presídios”. É possível perceber que os contos ficcionalizam elementos de duras realidades vivenciadas por sujeitos de periferias diversas. Embora o universo prisional seja o grande mote do livro (a maior parte dos contos possui como espaço delegacia, cadeia e presídios), outros espaços dão lugar às cenas, fora dos presídios. Assim, temos contos que se passam em uma praia, casas em bairros pobres, fugas por entre as ruas de grande cidade.

É preciso considerar que os episódios retratados não necessariamente precisam corresponder a realidades, constituem-se em **realidadeficção**, dada a condição da publicação de literatura pós-autônoma. Ao longo dos contos de *Cela forte*, deparamo-nos com situações diversas, mas em diálogo. Por meio de sua escrita, Mendes dá voz a personagens marginalizados, ou, como afirma Freire, “pega cada pessoa-personagem pela mão. E confinados ficamos, lado a lado.

Grudados em cada uma dessas vidas – sofridas, à deriva. Em cada retrato, flagrado, de solidão e desamparo” (FREIRE, 2012, p. 10).

Outro representante da literatura marginal contemporânea é o escritor Allan da Rosa. Cita-se, aqui, o seu livro **Da Cabula**, texto dramático ainda não encenado, produção literária contemporânea cujo tema central é o processo de apropriação da escrita por uma mulher analfabeta, Filomena da Cabula, em meio a seus embates na lida cotidiana. Negra, pobre, analfabeta, sofre humilhações constantes e vê na aquisição da escrita uma forma de resistência à opressão diária. Em **Da Cabula**, percebe-se uma política de escrita, Allan da Rosa constrói representações de uma vivência periférica cuja voz exala de dentro, constituindo-se em uma leitura sensível de uma existência marcada por um desejo de resistir, apesar de todas as forças contrárias.

Dalcastagnè (2008) afirma que, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) têm se preocupado com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos grupos sociais, tão diversificados, e se tornado mais conscientes das dificuldades associadas a quem fala e em nome de quem, ou seja, o lugar da fala. Na opinião da autora, esse fenômeno tem ocasionado o crescente debate sobre o espaço, tanto na literatura brasileira quanto em outras, dos grupos marginalizados, “entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 78). Muitos marginalizados continuam silenciados e esse silêncio é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, “vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 78). Sacolinha, Luís Alberto Mendes e Allan da Rosa figuram nessa condição, esse é o seu lugar de fala, o de dentro. Eles não falam pelo outro, eles são o outro. É do espaço da periferia que ecoam suas vozes, em consonância com a proposição do poeta Sérgio Vaz, em seu Manifesto da Antropofagia Periférica: “A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune” (VAZ, 2007). Os textos de Mendes, Sacolinha e Allan da Rosa falam, ou melhor, gritam realidades de dentro. Todos os textos dos autores aqui tratados inserem-se em contextos de vivências periféricas, apresentam uma coerência temática e dão

passagem aos gritos dos autores, mas ao mesmo tempo de toda uma coletividade, na tentativa de dar acesso a vozes nas sombras.

O poeta Sérgio Vaz, em outro trecho do manifesto já citado aqui, conclama: “[...] É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país”. Os escritores Sacolinha, Luís Alberto Mendes e Allan da Rosa não fogem ao convite do Manifesto do poeta Sérgio Vaz. Artistas-cidadãos, estão a serviço de sua comunidade e, por extensão, de seu país. Mendes desenvolve, pelo país, oficinas literárias em presídios. Sacolinha e Allan da Rosa atuam em movimentos sociais, apoiam publicações oriundas de espaços periféricos. Allan da Rosa criou e é um dos coordenadores da Edições Toró, com a função de também agregar novos autores, artistas cidadãos periféricos. A Edições Toró foi criada em 2005. Segundo Allan da Rosa, “nasceu porque ninguém tem interesse em publicar a gente, porque precisamos editar as nossas histórias e porque hoje chegamos em lugares que as editoras tradicionais não chegam”. Para o autor, não há vontade, nem interesse de que a informação chegue até a periferia. “Uma livraria no shopping de Taboão da Serra, na grande São Paulo, vende livros de auto ajuda. As distâncias são grandes dentro da cidade, entre centro e periferia. A Edições Toró quer diminuir essas distâncias”.

As produções literárias marginais contemporâneas inserem-se em um movimento de reterritorialização dos espaços periféricos dos quais se originam os autores da literatura marginal. Na escrita desses autores, configura-se uma partilha do sensível, com uma escrita politizada cujos traçados capitalizam suas próprias vidas e a de seus pares, redesenham as comunidades, retrazando linhas divisórias e provocando leituras sensíveis das realidades ficcionalizadas (ou não) pela força dessas narrativas.

Referências

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. Tradução Heloísa Buarque de Almeida. **Revista Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, n. 49, 1997.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Trad. José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

DALCASTAGNÈ, R. Isso não é literatura. In: **Entre fronteiras e cercado de armadilhas**: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea. Brasília: Ed. UnB, 2005.

_____. (Org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo, SP: Horizonte, 2008.

FARIA, A.; PENNA, J. C.; PATROCÍNIO, P. R. T. do. Modulações da margem. In: _____. **Modos da margem**: figurações de marginalidade na literatura brasileira. São Paulo: Aeroplano Editora, 2015.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: Literatura Marginal. **Caros Amigos / Literatura Marginal**. São Paulo, Ato I, n. 1, p. 3, 2001.

_____. Terrorismo literário. **Caros Amigos / Literatura Marginal**. São Paulo, Ato II, n. 2, p. 2, 2002.

_____. (Org.). **Literatura Marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **O que é autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.

FREIRE, M. Prefácio. In: MENDES, L. A. **Cela forte**. São Paulo: Global, 2012. (Literatura Periférica)

LUDMER, J. Identidades territoriais e produção do presente. In: _____. **Aqui América latina**: uma especulação. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MENDES, L; A. **Cela forte**. São Paulo: Global, 2012. (Literatura Periférica)

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SACOLINHA. **85 letras e um disparo**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 2007. (Literatura Periférica)

SANTIAGO, S. Crítica de mutirão. In: FARIA, Alexandre; PENNA, J. C.; PATROCÍNIO, P. R. T. do. **Modos da margem**: figurações de marginalidade na literatura brasileira. São Paulo: Aeroplano Editora, 2015.

VAZ, S. Manifesto da Antropofagia Periférica. In: _____. **O colecionador de pedras**. São Paulo: Global: 2007. (Literatura Periférica).

Recebido em 29 de fevereiro de 2016
Aceito em 12 de maio de 2016